

Porandubas

pora duba: notícia, informação (tupi-guarani)



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano V NOVEMBRO /81 Sala de Comunicaçãb

43

SOCORRO !!!

(Página 4)

Bodanzky & Gauer

(Página 7)

editorial

PRECISA-SE DE ESTUDANTES

Num belo dia, descobriram um país de jovens. Ah, não deu outra: estratégias vorazes desabaram sobre um mercado desprevenido. Assim, passou-se a puxar o saco dos incautos im-púberes que, junto com pais e educadores acabaram, assimilando o "argumento da idade": basta ter mends de 30 anos para ser digno da confiança mais total e irrestrita. Politicamente, o jovem estudante logo foi identificado como a vanguarda social, a antena da raça, o apito da panela de pressão. Mas nos últimos tempos as coisas não ficaram assim tão fáceis. Já não basta ser (ou estar) jovem: é preciso realizar a utopia, rejuvenescer a face da terra.

Bom, e daí? É que na PUC também temos uma pequena utopia a consolidar. Multiplicam-se brechas e parece que afinal se pode participar da invasão da terra prometida. Mas estranhamente, a reação de muitos ainda é de indiferença, de espanto; grupelhos ainda se deliciam em mútuas retaliações ou se encolhem em radicalismo omissivo. Um bom exemplo disso é ausência quase total de representantes estudantis dos principais órgãos colegiados, o que demonstra o quanto nossa democracia ainda é frágil.

Mas há esperanças. Pelo campus paira permanente inquietação criativa; por conta própria inúmeras classes assumem seus problemas e vão cobrar soluções nos Departamentos; grupos dos mais variados feitos intervêm ativamente na universidade e na sociedade. Mas todo esse borbulhante Movimento Estudantil está a exigir organicidade, integração à vida da PUC, sem o que se esterilizará em oportunismos, empacará nas dissidências das dissidências.

Para que ditaduras não se perpetuem, é preciso que as novas gerações se fortaleçam. Restaurar dignidade à condição de estudante e dinamismo às suas estruturas representativas, é um desafio para a comunidade universitária. Se a burocracia não for transformada em ação e festa; se a maioria dos estudantes ficar na retaguarda, na periferia, não serão eles as únicas vítimas. Nesse momento, a PUC terá sosso-brado.

Porandubas

R. Monte Alegre, 984

Tel: 263.0211 r. 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro
Edison M. de Almeida
Paola Patassini

Seção "MANDA BALA"

CARTAS

TELEGRAMAS UNICAMP

AFAPUC

A Associação dos Servidores Manifestamos nossa solidariedade a VV.SS., ao mesmo tempo que repudiamos decisão Reitoria da UNICAMP.

APROPUC

A ADUNICAMP; DCE; INSTITUTOS Professores PUCSP manifestam repúdio intervenção autoritária Conselho Diretor UNICAMP. Manifestam solidariedade dos setores gravemente atingidos. Ato como esse mostram correção caminho vem sendo trilhado busca democracia.

Ao GOV.MALUF: SECRETÁRIO EDUCAÇÃO: DALVA SOUTO MAIOR; CONS. ESTAD. EDUC. Professores PUCSP consideram inaceitável intervenção imposta Institutos UNICAMP. Autonomia Universidade seriamente atingida. Solicita posição repúdio nomeações impostas.

BIENAL

Telegrama enviado pelo Secretário da Fundação Bienal:

Esta Fundação e o Secretário de Estado da Cultura, Dep. Cunha Bueno têm a honra de convidar professores e alunos para visitar a 16ª Bienal Internacional. A mostra abrange arte incommum, arte postal, entre outras e inclui retrospectivas de Guston e Delvaux. Está aberta até 20/12. Nossa equipe de monitores atende grupos para visitas guiadas, por percursos didaticamente programados. Os grupos têm acesso gratuito, desde que a visita seja combinada com antecedência de 3 dias com a Profª Daisi Peccinini. Tel 571-9200 e 275.4390

ELEIÇÕES ESVAZIADAS

"Foram realizadas as eleições para a UEE e mais uma vez, como se vem tornando rotina no movimento estudantil, o número de votantes foi menor do que na eleição passada, o que vem demonstrar o descrédito e consequente esvaziamento e total falta de representatividade a que foram levadas as nossas entidades.

A causa deste descrédito, é a prática nociva que vem sendo desenvolvida pelos grupos atuantes no movimento estudantil, prática esta que só visa a interesses políticos das diretorias eleitas, não objetivando a concretização dos interesses dos estudantes.

Já os grupos que não se conseguiram eleger promovem uma campanha sistemática de descrédito das diretorias, com o fim único de derrubá-las.

O conjunto dos estudantes, percebendo esta politicagem, este jogo sujo, afastaram-se das entidades e boicotaram não só as eleições, mas também e mercadamente as chapas concorrentes, gerando um quadro lastimável (ou animador) que se verificou aqui na PUC, onde de um universo de mais ou menos 16.000 estudantes, pouco mais de 2.700 votaram (15%), e pior ainda, os votos

em branco e nulos, quase venceram as eleições, sagrando-se 2º colocados.

Mas nestas eleições, mais uma vez não houve vencedores, todos perderam, os estudantes, a Entidade, e para felicidade e ânimo nosso, as chapas concorrentes.

A felicidade deve-se ao descontentamento e repúdio mostrado pelos estudantes, em relação à equivocada prática política, sustentada por dogmas já arcaicos, e o ânimo à certeza de que cada estudante carrega consigo a esperança de ver surgirem novas propostas e direcionamentos, para ressuscitar o movimento estudantil e reconstrução de suas entidades."

Ingo Schmidt (DIREITO)

PRESENÇA ESTUDANTIL NOS COLEGIADOS

"Comenta-se pelos quatro cantos do Brasil que a PUC é um exemplo de democracia, que aqui temos liberdade de expressão e decisão e que a participação dos estudantes é assegurada em todas (ou quase!) as instâncias de deliberação.

Os estatutos da PUC, que estão em discussão, têm assegurado o direito de 8 representantes discentes nos colegiados: contudo, temos encontrado grandes problemas na indicação de nossos representantes nesses conselhos. Por que isso ocorre?

Hoje vemos os estudantes da UNICAMP realizando manifestações na conquista de um espaço democrático, lutando por eleições diretas para a Reitoria, pela participação no Conselho Diretor. Por que na PUC, esse espaço não é ocupado?

No nosso entender, os estudantes em geral tiveram participação muito pequena na consolidação desses canais democráticos, embora a democracia não tenha sido uma dádiva da Reitoria. Não! Sem dúvida, a democracia foi uma consequência do esforço da comunidade, mas no momento em que se abrem esses canais e que se consolida a democracia, a maioria dos estudantes não percebe a amplitude e a importância da presença de seus representantes nesses canais, onde se discutem questões que nos afetam diretamente (sobretaxas, por exemplo). A Diretoria do DCE levanta essa discussão porque acredita que é preciso ocupar todos os espaços. Por 4 vezes já foram convocados os CAs para unificar propostas de indicação de representantes nesses conselhos. Mas os CAs não têm aparecido nessas reuniões: seria por falta de compreensão desse problema?

Acreditamos que cabe aos CAs reunir os representantes discentes de suas faculdades para discutir a respeito e se indicarem nomes para cada Conselho. Ao DCE cabe centralizar essa discussão.

Temos certeza de que os representantes discentes nos Departamentos e Conselhos de Faculdade, que têm discutido junto aos professores acerca dos problemas de seus cursos, têm grandes condições de levar à frente essa questão.

De nossa parte, estaremos presentes nessas discussões. Temos certeza de que assim garantiremos o mínimo de democracia na escolha desses nomes."

Milena de Castro
presidente do DCE

FESTA NEGRA

O Festival Comunitário Zegro Zumbi (FECONEZU), é hoje uma conquista do povo negro na luta pela preservação de nossa cultura.

É uma festa popular onde se manifesta as artes afro-brasileiras e atividades esportivas buscando uma maior integração das entidades negras e a comunidade, através do teatro, dança, atletismo, futebol, música, poemas, capoeira, etc. Representa a expressão histórico-cultural do negro no Brasil, de seu espírito de luta, da manutenção de seus valores e identidade para a retomada de nossa cultura das mãos dos dominadores.

O FECONEZU é realizado anualmente em NOVEMBRO, na semana que contém o dia 20, data do assassinato de ZUMBI DOS PALMARES, símbolo de luta e exemplo histórico da consciência negra em busca da reconquista da liberdade e reconstrução de uma vida efetiva que vem sendo levada por todos os afros-brasileiros que são contrário a toda e qualquer exploração e dominação.

Os primeiros festivais realizados a partir de 1978, tiveram como cidade-sede Araraquara, Ribeirão Preto e São Carlos e organizados por várias entidades e grupos negros e com grande participação da população local e de outras cidades.

Este ano, o IV FECONEZU acontecerá na cidade de Campinas, nos dias 21, 22 e 23 de novembro. Simultaneamente estarão acontecendo em todo território nacional manifestações pelo dia 20 DE NOVEMBRO, DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.

Venham participar conosco!!!

GRUPO NEGRO DA PUCSP (ramal 343)

PÓS ESCLARECE

1. Referentes ao Seminário do MEC
1.1 — O Seminário do MEC-PUC concernente a Recursos Humanos Para Educação, num primeiro estágio referia-se apenas aos Cursos de Pedagogia, seu funcionamento, sua avaliação e necessidades de mudança.

1.2 — Em momento algum pensou-se em Licenciaturas. Ainda que ambos os aspectos, Pedagogia e Licenciatura constituam elementos do mesmo conjunto, cada um deverá ser discutido em seminários especiais, buscando-se em seguida, uma visão de conjunto.

1.3 — Dessa forma a concentração foi mesmo nas 108 Faculdades de Educação do Estado de São Paulo. Mesmo assim, todos os que se apresentaram à Secretaria do Seminário foram arrolados e registrados como participantes com direito à expressão livre de seu pensar.

1.4 — É de certa forma lamentável que os observadores provenientes de outras Faculdades houvessem se mantido incógnitos.

2. Documentos e propostas

2.1 — Não li nem tive conhecimento de qualquer documento que se referisse à necessidade de cursar Pedagogia para poder lecionar ou exercer o magistério. Também não posso negar o direito de alguém haver se expressado, emocionalmente, dessa forma. Porém, entre a



livre expressão de idéias e de pensar e a existência de um documento oficial-proposta exigindo que todos fizessem Pedagogia para poder lecionar coloca-se um espaço incomensurável, ou uma imaginação muito fértil de alguém que deseje estabelecer confusão.

2.2 — A participação da PUC-SP no seminário do MEC revela apenas a preocupação e o desejo da PUC-SP ser útil e de oportunar, assim como de proporcionar oportunidades de participação. O que está me parecendo é que a confusão mental é tal ordem que os indivíduos estão perdendo o domínio do pensar e o domínio da expressão desse pensar. Não se fala mais senão através de slogans desgastados e que tornam os indivíduos, a pessoa humana em meras aparências, muito distantes do real.

2.3 — para terminar, a todos os interessados no trabalho realizado no seminário, desejamos de ler os documentos e de apresentarem idéias, coloca-se à disposição os resumos, o relatório final e a proposta submetida ao MEC.

Este Seminário deverá continuar a fim de que seja possível a realização de um Encontro Nacional de Educadores. Aí, então, aqueles interessados Licenciatura terão sua oportunidade, sua tribuna.

Joel Martins

MADRES DE PLAZA DE MAYO

As Entidades e personalidades democráticas do Brasil

As Mães da Praça de Maio, somos mães de detidos-desaparecidos da Argentina e representamos muitos milhares de mulheres em igual situação, não nos move nenhum objetivo político, ninguém tem nos convocado nem nos impulsiona ou instrumenta

Nós, as Mães somos contra toda VIOLENCIA e contra qualquer tipo de terrorismo privado ou estatal, queremos a Paz, a Fraternidade e a Justiça, rejeitamos a injustiça, a opressão, a tortura, o assassinato, os sequestros, as prisões sem processo, as detenções seguidas de desaparecimentos, a perseguição por motivos religiosos, raciais, ideológicos ou políticos.

Na Argentina NÃO HOUVE GUERRA, nossos filhos não caíram no campo de batalha, foram levados dos seus lares, de seus locais de trabalho ou estudo, ou da rua, VIVOS, sem que se soubesse mais nada deles. Estes fatos não são outra coisa que sequestros e este é um dos crimes mais odiosos e condenáveis.

Queremos recuperar com vida os nossos filhos, queremos vê-los assistidos. Pode haver uma exigência mais simples, mais elementar, mais correta, mais humana, mais cristã, mais justa? Não se conseguirá nunca a Paz, se antes não impera a Justiça.

Nos dirigimos a todas as entidades e personalidades democráticas do Brasil, com a finalidade de lhes solicitar que intercedam, através de cartas e telegramas dirigidos aos organismos cuja lista adjuntamos, pedindo pela aparição com vida dos detidos-desaparecidos na Argentina.

Com a segurança de que nosso pedido será atendido, lhe saudamos respeitosamente.

Madres de Plaza de Mayo

HEBE BONAFINI LAURA RIVELLI (PRESIDENTA) (SOCIA FUNDADORA)

- Presidente da Nação — Balcarce 50 — Buenos Aires
- Ministro do Interior — Sr. Tomás Liendo — Balcarce 84 — Buenos Aires
- Suprema Corte de Justiça — Talcahuano 550
- Ministro de Justiça da Nação — Balcarce 50 — Buenos Aires
- Conferência Episcopal Argentina — Paraguay 1867 — Buenos Aires
- Cardenal Francisco Primatesta — Paraguay 1967 — Buenos Aires
- Presidente do Comitê da U.C.R. — Alsina 270 — Sr. Carlos Contin-Bs.As.
- Presidente do Comitê Nacional do Justicialismo — Sr. Deolindo Bittel
- Presidente do Comitê Nacional do Partido Intransigente — Sr. Oscar Alende — Rio Bamba 482 — Buenos Aires
- Presidente do Comitê Nacional do M.I.D — Sr. Arturo Frondizi Ayacucho 49 — Buenos Aires
- Presidente do Comitê Nacional do Partido Democrata Cristão — Sr. Néstor Vicente — Combate de los Pozos 1051 — Buenos Aires

Endereço: Casa de las Madres — Uruguay 694 — 2º andar — tel. 406210 Buenos Aires — ARGENTINA

PSICANÁLISE

VOCE SABIA QUE EXISTE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE AQUI NA PUC?

Pois é, parece que quase ninguém sabe que existe o curso de Especialização para psicólogos que se interessam em trabalhar na área de psicoterapia analítica de linha freudiana aqui na PUC. O curso tem 3 anos de duração, 10 horas semanais e aulas e supervisões de atendimento, dadas por professores competentes tanto da PUC como da Sociedade de Psicanálise e procedentes da Argentina. Estranhamos que os alunos do curso são formados pela USP, São Marcos, Santo André e até vindos de Minas Gerais, mas não tem nenhum aluno proveniente da PUC. Este curso é paralelo aos melhores existentes em São Paulo como o da Sociedade de Psicanálise, do Semeo e outros. No próximo número daremos mais informações sobre o curso, currículo, nome dos professores e condições para admissão, mas se você quiser saber isto antes, procure a Profª Maria Cecília de Faria, do Departamento de Psicodinâmica, na Clínica da PUC.

Julietta Widman

SECRETARIAS

Recentes dificuldades encontradas nas Secretarias revelam a necessidade de melhor compreensão de suas funções e organização no contexto de uma instituição educacional.

Mesmo que disso não se esteja consciente, as Secretarias são parte fundamental do esforço educacional de uma Universidade. Elas são atividades-meio para a educação e não setores fechados em si mesmos, tal como as entende uma visão tecnocrática. Mais que isto, as Secretarias poderiam trazer contribuição importante para que a Universidade compreenda melhor a si mesma.

As Secretarias deveriam fazer parte do planejamento curricular a partir da definição de seus papéis, da postura educativa das chefias e da capacitação de seus membros. Desta forma, os diretores dependem do bom desempenho das Secretarias na área da administração escolar para poderem voltar-se especificamente à tarefa pedagógica.

Enfim, as Secretarias não são órgãos meramente "fazedores" de tarefas: estas, por mais simples que sejam, têm importante dimensão educativa e como tais devem ser valorizadas.

José Massafumi Nagamine

ACADÊMICO

X

ADMINISTRATIVO?

Atendendo a proposta da Reitoria na "Avaliação dos últimos dez anos da PUCSP" e refletindo um pouco sobre a PUCSP hoje, pensamos que seria necessário aprofundar a questão do ponto de vista administrativo.

E perguntamos: Como administrar a Democracia? Como superar as contradições internas de um sistema administrativo que se pretende democrático?

Acreditamos que o salto qualitativo dado pela PUCSP nestes últimos anos na área acadêmica, do ensino e da pesquisa, não foi acompanhado na sua estrutura administrativa. E há muito por fazer. Temos assistido a reivindicações dos professores que solicitam a soberania acadêmica sobre a administração, denunciando a opressão da segunda sobre a primeira. Assistimos uma reação por parte do setor administrativo, reclamando direitos nas tomadas de decisão.

Não concebemos que a solução seja definir a quem compete maior parcela de poder, e sim, redistribuir este poder. Partindo do princípio de que todos, sem discriminação, são potencialmente capazes de pensar, vamos juntos as condições para se pensar juntos.

Muito bem. Isto tem acontecido nos assuntos de natureza acadêmica: na definição dos currículos, na relação professor-aluno, na vida dos departamentos e dos demais órgãos colegiados. E na vida administrativa? Nas relações chefia-subordinado, indivíduo-instituição, liberdade-comprometimento? Como é possível se dar o passo? Na proposta de Marx só há superação dos conflitos na extinção das classes. Diz Weber que a "burocracia é a forma mais eficaz de organização inventada pelo homem mas tememos que esta eficiência máxima constitua justamente a maior ameaça para a liberdade individual"...

De nossa convivência temos percebido a dificuldade de delimitação dos caminhos, abertura de espaço para reflexão, conscientização de que a chance de trilhar rumos democráticos não significa distribuição de privilégios individuais, mas, antes de tudo divisão de responsabilidades coletivas. Sentimos ainda, agressões mútuas como respostas aos conflitos, a rotulação de comportamentos, preconceitos generalizados, entre as pessoas e entre setores administrativos.

Será esta a alternativa? Pixações? Rótulos de autoritarismo, fascismo por um lado, é, de outro, liberalismo, irresponsabilidade, passeios à feira, corredores, oportunismo. Além da discussão acadêmico-administrativo, dentro do sub-sistema administrativo assiste-se a polarização de posições. Não seria saudável refletir um pouco?

Por que não atendemos ao convite à reflexão da Reitoria e fazemos juntos este balanço de nossa vida universitária, tanto acadêmico como administrativa?

Cleide Martins Canhadas (Segrac)

MAIS SEGRAC

NÓS, ALUNOS D 8º PERÍODO DO CURSO — ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS — NOTURNO — vimos requerer a esse Jornal que seja publicado um dos nossos problemas acadêmicos, que, acreditamos, atinge a todos os cursos de graduação da PUC — São Paulo — Rua Mnte Alegre.

Já enviamos à Reitoria um abaixo-assinado solicitando a descentralização da Segrac, uma vez que é muito comum ficarmos aguardando durante horas nas filas da Secretaria e não obtermos solução aos nossos problemas.

Reconhecemos a impossibilidade dos funcionários da Segrac em acumular e transmitir toda a gama de informações procedentes dos diversos cursos de graduação.

Porém, não podemos continuar perdendo aulas, pagando créditos por matérias que não cursamos e não obtendo informações corretas, devido à péssima qualidade dos serviços prestados.

Acreditamos que a descentralização é a solução mais viável.

Maria Elena Alexandre

RECONSTRUÇÃO MATERIAL DO DCE

"Todos sabemos (será?) que as entidades estudantis, dentre elas o DCE, não possuem nenhuma forma de arrecadação oficial, devido ao fato de serem entidades livres, não atreladas a Reitorias ou órgãos governamentais.

A maioria das diretorias das entidades destinam quase nenhuma atenção à sua estrutura interna. Ora, não precisa ser tesoureiro do DCE, para perceber que uma entidade com estrutura pode desenvolver melhor seus trabalhos. Quando a Diretoria do DCE — gestão Renovação — assumiu, não existia nada em caixa e o balanço financeiro da gestão anterior ainda não nos foi entregue. Ao tomarmos posse, recebemos a notícia da dívida de Cr\$ 27 mil, ainda não saldada.

Para piorar a situação, em 3,5 meses sofremos três invasões — e não foi por desabrigados — mas por depredadores que destruíram o telefone, roubaram a máquina de escrever, desfalcarem arquivos.

A atual Diretoria tem planos nas mais variadas áreas: Mini-SBPC, Inter-PUC, Acampamento, Centro de Vivência. Por isso é que lançamos a campanha de reconstrução material do DCE: vamos atacar por todos os lados, desde a contribuição de parlamentares até semana da pechincha. Trocaremos pequenos pedaços de papel por uma cédula mínima de Cr\$ 10,00. O troca-troca será na rampa e o papel se chama "filipeta". Também será vendido um bônus de Cr\$ 50,00, que também dará direito a concorrer pela Loteria Federal. O prêmio será Cr\$ 3.500,00 em livros na Cortez. Também, na Semana da Pechincha, recebemos todo tipo de contribuição material (papel, tinta, almofadas, cartazes, armários, etc). Daí, faremos o dia da reviravolta, renovando todo o visual do DCE.

É agora ou nunca: ou colocamos nossa entidade de pé ou continuaremos com propostas apenas nas cartas-programa'

PELA RENOVAÇÃO E FORTALECIMENTO DO DCE".

Israel Feffermann e Eliana P. Martins.

**CARTAS:
ENTREGA NÔ
PROTOCOLO
CENTRAL;
COM A PAULA
(CCMFT)
OU COM
PE. ENZO (CCMB)**



Nossa in-segurança

(E a deles também...)

Pelos nossos corredores e porões correm histórias de roubos, de invasões de elementos estranhos, de orgias, de rodadas de maconha. De vez em quando (agora, mais raramente) são sussurradas notícias de estupros.

A PUC é uma cidade de 20 mil habitantes. Como anda nossa segurança? Quem garante nossa integridade física nesses territórios? Quais os principais problemas e que soluções são tentadas?

A firma encarregada da segurança é a ACLAVEN. Ela cobra Cr\$ 163,89 por hora/homem. Nos locais onde atua (exceto Sorocaba) são empregadas 6.846 horas, o que resulta na quanti arespeitável de Cr\$ 1.300.000,00 mensais (por ano, então...) Este gasto todo estará valendo a pena? Poderia ser de outra forma? Qual?

RATOS; GATUNOS

As entidades já botaram a boca no trombone por várias vezes. À noite as funcionárias ficavam assustadas nos corredores vazios do Prédio Novo e surgiram inúmeras reclamações. A AFAPUC convocou as outras entidades para uma reunião com a reitoria: só foi ela e a coisa ficou por aí. Mais recentemente, o DCE se manifestou, através da Fátima: "A cada dia se tem tornado mais presente a falta de segurança dentro de nossa universidade. Nossas entidades são invadidas, depredadas, o restaurante é roubado e pessoas armadas ameaçam os estudantes dentro do campus".

Aliás, essas invasões não ocorrem apenas no campus Monte Alegre. No campus Paranaguá o sr. Ari, responsável pela administração, reconhece que "a segurança deixa muito a desejar, principalmente nos fins-de-semana, onde já ocorreram vários furtos e arrombamentos. Já foram 'visitados' a sala dos professores onde até levaram um mimeógrafo, o Pós, Biblioteca, Cantina e CA. Na minha opinião esta mão-de-obra, além de cara, é deficiente". Esta opinião de Ari é também partilhada pelo Tarcísio, da Assistência Administrativa do campus M. Alegre: "Este tipo de serviço é caro e por isso utilizamos o menor número de homens possível. Durante o dia são 7 e à noite são 4, além do encarregado que corre

por conta da firma. Este número não é suficiente porque o campus é muito grande e tem muitas entradas. Além disso, a mão-de-obra que eles utilizam não é muito qualificada. Pedimos que nos mandem o melhor pessoal deles, mas como o salário é baixo, os melhores vão embora e assim que têm oportunidade. Atualmente temos recebido muitas reclamações. Eu telefono para a firma, eles mudam o funcionário e fica tudo na mesma".

Tarcísio percebe que uma Universidade é um lugar "diferente": "é difícil exigirmos um serviço bom de segurança pois as normas não podem ser rígidas. Quando entra um novo vigilante eu dou instruções para que não deixe entrar trombadinhas, vendedores. Daí o vigia pega um vendedor ambulante mas vai-se ver, ele é aluno do DCE ou de um C.A. vendendo ingresso para um show. Assim, uma coisa é certa hoje e amanhã já é errada. Os vigias têm a rotina deles e ficam confusos. Eu não saberia dizer se com essa guarda o resultado é o mesmo que sem guarda nenhuma: este serviço é muito caro para o que está rendendo"

19 ASSALTOS

Luiz Roberto e Júlio são concessionários do Restaurante. Domingo, dia 11/10, após o 19º assalto, eles contrataram um vigia próprio: "não sabemos

onde a guarda da PUC fica no domingo. Durante a semana entra muita gente estranha e a qualquer hora. Além do mais, o portão do TUCA, de noite, fica aberto e sem guarda". Luiz pede alguma medida que intimide os marginais porque "numa boa é impossível evitar assaltos. Os marginais entram aqui, enchem um saco de papel com os melhores chocolates, cigarros, isqueiros, etc. Temos seguro contra roubo mas já nos alertaram que talvez não seja possível renová-lo. Nosso vigia andou ouvindo vozes à noite e disse que sem arma ele não trabalha mais. Só que não podemos dar essa arma porque a Reitoria não deixa. Outro dia, o tal Ratinho entrou aqui, com um doberman amestrado, enorme, e ameaçou todo mundo. Quem vai enfrentar um cara desses?"

FALA, REITORIA

O Vice-Reitor Comunitário, prof. Edênio, já está há muitos anos na PUC e reconhece que "o problema é sério". Ele tem conhecimento de casos de roubo, elementos perigosos, passadores de tóxicos e até assaltantes." A PUC está muito exposta. Tem muitas portas de acesso e circulação livre desde as 7 às 24 h. Além disso, sempre há atividades para-curriculares, shows, teatros, voltados para o público em geral". Edênio informa que lhe tem chegado inúmeras manifestações de preocupação quanto à segurança, gente reclamando de "falosos surdos-mudos em salas de aula que aparentam pedir ajuda mas que acabam assaltando alunos no corredor". Segundo o Vice-Reitor, esses elementos têm cúmplices entre os estudantes que se julgam no direito de apoiar a entrada de indivíduos indesejáveis.

Claro, o buraco é mais embaixo. Não se trata apenas de uma típica "questão puquiiana": "essa insegurança não se restringe à PUC mas a qualquer lugar público, com grande afluxo de pessoas. Isso tudo é fruto do sub-desenvolvimento, do subemprego. É ilusório pensar que é possível resolver o problema da PUC sem que a questão mais ampla da sociedade tenha sido no mínimo encaminhada", completa Edênio.

"CHAME O LADRÃO!"

E o que a segurança pensa disso tudo? Fomos entrevistar 3 guardas, que preferem ficar incógnitos e o Laerte, encarregado da firma.

Laerte é conhecido na Monte Alegre, vende até bônus para a AFAPUC e muita gente pensa que ele é funcionário da casa: "o vigilante aqui, é também uma espécie de relações públicas, dá informações, e tem que ter psicologia. Se ele desconfia de uma pessoa, vai seguindo até ver se há algo errado e então procura identificar a pessoa. Antigamente o problema era a pivetada. Depois vieram os maconheiros mas agora a gente os conhece e eles não entram mais. O próprio Ratinho, quando me vê ou a algum guarda, vai embora porque a gente dá um toque para ele e dá certo. Agora, quanto ao restaurante, não é responsabilidade nossa: várias vezes eles esqueceram aberta a porta dos fundos".

Os vigilantes se sentem perdidos entre dois fogos: "às vezes a gente tem vontade de tomar uma atitude mas fica indeciso porque depois pode se complicar. A minha arma é a manha: ser vigilante é complicado porque se você está sem arma, não dá para enfrentar o malandro. Minha profissão mesmo é soldador, mas como não encontro serviço, vim ser vigilante, que é uma profissão perigosa. Lá na firma eles dão treinamento mas não sei direito como é porque ainda não fiz. Se Deus não nos guardar, a gente pode ter 10 armas que não adianta nada".

"O que enche mais o saco, diz outro guarda, é quando os estudantes levam os pivetes para dentro, até na garupa da moto. O moleque fica lá dentro e o inspetor vem dar bronca. Tem também uns carinhas que querem puxar fumo lá em cima mas a gente conhece e não deixa entrar. Às vezes entram maus elementos e quando eles não querem sair, a gente chama a polícia, mas só com ordem da administração. Eu acho que os guardas da noite deviam usar arma porque ninguém pode enfrentar ladrão só com cacete: aqui tem tanta coisa de valor e se chegar um grupo à noite os guardas não podem reagir. Já

ouvi comentários de que a gente não dá segurança mas vai fazer o que? Quanto aos alunos, eles são legais”.

SAI DESSA!

(Como dizia o poeta:) A saída? Onde está a saída? Que tal se todos ou alguns vigilantes andassem armados?

“A segurança não deve andar armada, pois é elemento de observação e advertência”, define Edênio. O DCE, depois de diversas discussões sobre o assunto também acha que “os guardas não devem andar armados pois estamos numa universidade e não é essa a melhor maneira de garantir a sua autonomia”.

“Se dá uma louca no sujeito e ele está armado, como é que fica? Não é um pessoal preparado para isso. Numa discussão com aluno pode acontecer um problema sério! A gente não pode correr esse risco”, afirma Tarcísio. Já para

o pessoal do Restaurante essa proibição traz risco para os vigilantes, pois “aqui os bandidos podem entrar tranquilos porque a arma dos guardas é o apito e a deles é revólver, peixeira. Os guardas morrem de medo, e têm razão!”.

Mas a própria turma da segurança acha que arma é ferramenta da polícia: “a arma é necessária quando se trata de um Banco mas não numa Universidade. Já imaginou um tiroteio aqui dentro? Vira tragédia”, diz Laerte. Já outro guarda acha que “a arma impõe mais respeito ao malandro e o próprio vigia fica mais à vontade. Mas tem guarda que não sabe usar arma e fica logo pensando em sair dando tiro para matar bandido. O uso da arma, de noite talvez ajude, mas não sei não. Pode ser pior ainda”.

PRATA DA CASA

Bom, se arma não funciona, o que

fazer? Geraldão da AFAPUC lembra que já se fez sugestão de se montar uma guarda interna, que teria condições de conhecer melhor a comunidade e até seria mais barato. Esta medida também é defendida pelo Ari, da Matemática: “que tal se contratarmos esta mão-de-obra diretamente na fonte? Conseguiríamos uma boa economia mensal, o que não faz mal a ninguém, e poderíamos ter um serviço bem mais eficiente”.

Tarcísio distingue. Uma guarda própria teria de ser fiscalizada pela Polícia, com muitas exigências. Ela propõe uma espécie de bedel, ficando a vigilância para o período noturno: “ainda acho que um serviço feito com funcionários da PUC, andando pelos corredores e entradas resolveria o problema e seria mais barato, além de terem maior vínculo com a Instituição”.

O DCE remete a solução do problema para a comunidade universitária

e especialmente para a Reitoria que deveria “dedicar especial atenção a esta questão que tem até agora sido relegada a um segundo plano”.

O Vice-Reitor Edênio sugere algumas medidas: “um primeiro passo é que todos colaborem procurando a Assistência Administrativa sempre que virem elementos suspeitos, não compactuando com pontos de maconha que acabam trazendo gente de pesada para as imediações. A guarda atual está sendo treinada e o pessoal já foi remanejado. O fechamento das instalações obedece a horários precisos e seria muito eficaz se a circulação nos CAs se encerrasse nos horários determinados, a não ser em casos excepcionais, arbitrados pelas Diretorias das entidades”.

Bem, essa questão não está encerrada. Deixamos como nossa recomendação final a sugestão do Geraldão: porque o Conselho Comunitário não assume esta questão?

BURROCRACIA

Durante as matrículas do 2º semestre, flagramos um senhor que, aos berros, protestava: “É por isso que o país não vai pra frente! É burocracia e bagunça que não acaba mais!”. Em frente à Tesouraria, uma fila enorme com gente tentando furar, outros se acotovelando e ainda outros mais acomodados. De vez em quando, um incauto: “Matrícula do Pós também é aqui!?” (era no 4º andar do Prédio Novo... Mas *tinha* que passar pela tesouraria).

A bronca do tal senhor deixou a desagradável impressão de se falava mal de nossa casa. Fomos cutucar o assunto.

RECLAMAÇÕES, RECLAMAÇÕES

O Ingo, presidente do *Leão XIII* comenta que “já levamos mais de 4 h. correndo da Assistência Administrativa à Vice-Reitoria para gravar umas matrizes de stencil na Gráfica da PUC. Era um trabalho de 20 minutos e nenhum gasto. Também, há quase um ano requisitamos mediante requerimento, o conserto da porta da secretaria e piso do CA; pois nem resposta recebemos. Por outro lado, as carteirinhas de passe precisam passar pela Secretaria e demoram muito para voltar de lá: os colegas reclamam mas a culpa não é nossa. Na PUC os serviços andam, só que devagar e os próprios funcionários sentem isso”.

Evangelina e Isabel são alunas da Psico. Elas apontam falhas: “pedi um histórico escolar e tive que voltar 4 vezes porque havia erros. Já a resposta sobre transferência de disciplina leva mais de um mês”. Para Evangelina, a matrícula é complicada: “primeiro você pega um papel na Secretaria; vai pagar no Banco e daí sobe à Tesouraria fazer não sei o quê. Daí volta para

a Secretaria: sorte sua se não pegar fila...”

Um funcionário (que preferiu ficar “inédito” com justa causa) revela que “exige-se officio até para encaminhar nota fiscal e conta de luz. Os officios às vezes são grandes e demandam tempo, além de serem inúteis. Além disso, fica patente a falta de confiança de um setor no outro. Também, para falar com certos chefes, a norma é marcar hora, mesmo que para assuntos de serviço. É um absurdo, né? Pois é mais fácil falar com alguém da Reitoria do que com esses chefes.”

Tem mais: esse funcionário denuncia que “quando um professor solicita vale, tem que ir ao Depto. Pessoal, assinar um papel e colocar seus dados. Daí vem outro funcionário, faz o vale propriamente dito, que é mandado para a Tesouraria com o visto do chefe. Aí é feito o cheque e o professor é pago. Não seria mais fácil e rápido a Tesouraria ter uma lista com os professores com direito a vale?”

No Campus Paranaçuá, os assuntos referentes a Tesouraria, Cursos de Licenciatura, Educação Física, etc, só se resolvem no Campus Monte Alegre. A

turma da Paranaçuá montou uma “Tesouraria-quebra-galho”, que apenas amenizou o problema. A par disso, se está pensando em colocar no novo currículo a duração anual das matérias, para facilitar a vida de todo mundo.

CERTO DESLEIXO

Muito do que acontece, para Ari Silvério (Auditor Geral) não é burocracia: “É desorganização mesmo. O ideal seria que durante as matrículas a Tesouraria funcionasse junto à SEGRAC. Nesse período tentamos dividir os alunos por vários dias fixos, de forma a serem atendidos 600 alunos por dia. Só que eles não apareceram! No último dia vieram 6 mil alunos. Conclusão: ainda no dia 22 de agosto estávamos fazendo matrículas dos retardatários. Outra coisa que dificultou, foi a Reforma Universitária pois criou muitas instâncias e as informações demoram muito a fluir. Há caso de professor dando aula há 6 meses em situação não regularizada. Nisso todos têm culpa, já que a organização trata dos problemas com certo paternalismo enquanto que alunos e professores agem com certo desleixo”.

PROTOCOLO

Cleusa, chefe do Protocolo, informa como funciona esta verdadeira “central de documentos”: “a gente seleciona os documentos que realmente precisam ser protocolados mas nem tudo é fichado, por exemplo as circulares”.

Quase todos os papéis que circulam pela PUC passam pelo Protocolo: neste ano, já foram processados 28.600 documentos. Quantidade monstruosa? Pois segundo a Lurdes, outra funcionária a quantidade de documentos diminuiu já

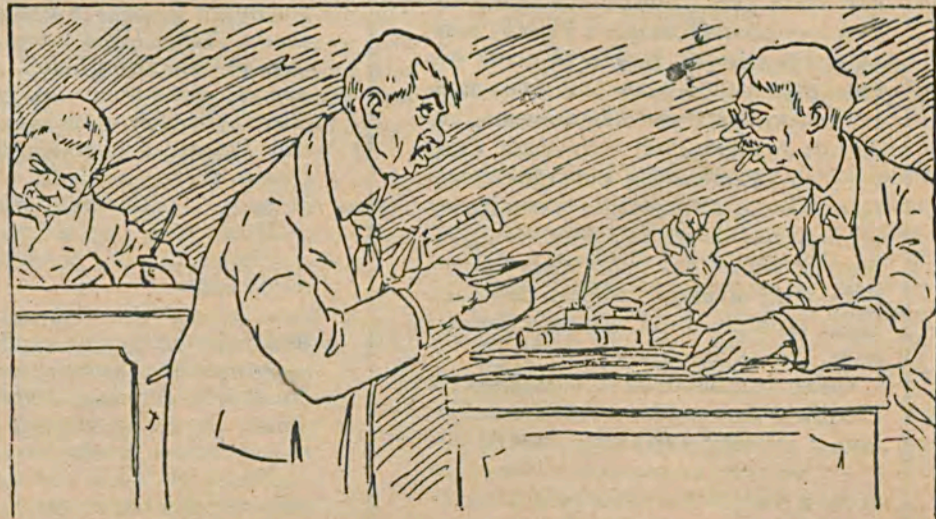
que “requerimentos de transferência, reopção, são entregues na SEGRAC. Aqui, esses documentos só vêm quando estão fora de prazo”. (Olha a bomba sobrando pra SEGRAC...)

Cleusa defende a idéia de que “aqui não temos burocracia, mas disciplina. Por falta de controle muita coisa se perdeu. Mas agora os documentos estão centralizados e documentados: se alguém alegar que não recebeu certo material, basta irmos ao fichário e conferir o que aconteceu”.

BUROCRACIA AGILIZADA

Vice-Reitor Acadêmico, o prof. Severino não coloca os problemas numa estrutura burocrática mal-pensada: “as coisas funcionam quando os responsáveis tomam as providências. Por isso os problemas que têm surgido decorrem da falta de disciplina. Na PUC ainda precisamos aprender a planejar, cumprir o planejado para depois avaliar o que se fez, como base para novo planejamento. Precisamos acabar com a política do fato consumado. Há casos de professores que já voltaram de licença sem que esta tenha sido aprovada; é comum a pessoa querer resposta no prazo de 3 dias para um pedido, que deveria ter sido feito 3 meses antes. Espera-se que a Reitoria seja paternalista. Acontece que não somos mais uma faculdadezinha mas temos 20 mil pessoas diariamente. É necessária alguma burocracia, só que mais agilizada, organizada. A descentralização do poder implica na descentralização das tarefas, o que não elimina a democracia. É preciso que todos cumpram seu trabalho e respeitem o dos outros”.

A questão está posta. Você acha que tem burocracia na PUC? Escreva pro PORANDUBAS.



—Pode informar se já obteve despacho o papel que eu trouxe no ano passado?
—Ainda não... Olhe, volte amanhã, que talvez se arranje... O chefe hoje não pôde vir porque foi a um batizado...



VINTE ANOS DEPOIS:

—Então o meu papelzinho inda não teve o seu despacho?
—Dou-lhe os meus parabéns; o chefe prometeu despachar esta semana. Hoje não pôde vir porque foi a um casamento...

Como Vai, Santa Lucinda?

Para quem não sabe, o Hospital Sta. Lucinda fica em Sorocaba e é de propriedade da PUC. O PORANDUBAS esteve lá e conversou com o Sr. Valdir, que é o diretor administrativo. Segundo ele o Sta. Lucinda tem, basicamente, duas finalidades: a assistencial e a de ensino.

"Nas finalidades assistenciais devemos prestar serviços à comunidade. Ora, como a comunidade tem as classes rica, média e pobre, o hospital se preparou para atender a esses três tipos de pessoa. Temos uma unidade de internações voltada para a elite, que ocupa o 3º andar e parte do 2º, e cobramos bem por isso; dessa receita a gente mantém o hospital. A classe média, que normalmente é atendida através do INPS, tem o 1º andar inteiro e parte do 2º, onde funciona também a maternidade. Os pobres (indigentes) são atendidos tanto no 1º como no 2º. Grande parte deste atendimento se concentra na maternidade, onde são feitos mais de 150 partos grátis por mês.

Quanto ao ensino, fazemos do hospital um campo de ensino e treinamento. Contudo, por suas características (atendimento pelo INPS), ele fica mais voltado para o Pós-Graduação (Residência), cujos alunos atuam em todas as áreas aqui dentro.

Nós oferecemos também alguma coisa para a Graduação, propiciando aos alunos de 5º e 6º ano de Medicina a prestação de atendimento no Pronto-Socorro, no Berçário e na Maternidade, sempre sob a responsabilidade dos médicos do hospital. Os alunos da Enfermagem também recebem estágio no Sta. Lucinda, em Administração, Pronto-Socorro, Pediatria, Centro Obstétrico, Clínica Médica e Cirurgia. Além disso, fornecemos refeições para todos os residentes do CCMB.

O forte do hospital, obviamente, é a Medicina, embora o acadêmico tenha a liberdade de participar. Mas não existe um planejamento da Faculdade para a utilização maior do Sta. Lucinda, e sim para o Hospital Regional e o Leonor. Na minha opinião esta foi uma decisão sábia. Porém, nós sempre acatamos as ordens do CCMB e se ele determinar que as atividades devem ser feitas aqui, nós faremos isso.

Nós estamos cumprindo as nossas finalidades: atendendo a comunidade, docentes, alunos e residentes; não existe razão para queixas. E se é para falar do problema social, nós atendemos muitos indigentes no Pronto Socorro, e temos vários problemas. Por exemplo; há mulheres que vêm dar à luz, e o hospital tem que dar as roupas para as crianças; tivemos uma paciente com problemas psíquicos e com um filho, que ficou aqui durante 6 meses porque ninguém queria aceitá-la em lugar algum; é comum o caso de mães menores de idade, que não podem retirar os filhos que acabaram de ter, porque a lei proíbe. São problemas sérios e que precisam de solução. Faz muita falta aqui uma assistente social para atender tanto os pacientes, como até mesmo os funcionários que muitas vezes têm problemas desse tipo. Até agora temos ficado na dependência da boa vontade de enfermeiras, médicos, funcionários e autoridades, como o Juiz de Menores de Sorocaba, que nos ajuda muito. Por isso eu faço uma sugestão às forças do CCMB, principalmente os estudantes, que alertem para esses problemas, e se mobilizem para fazer campanhas para angariar material, roupa, etc."

Ao final da nossa conversa, o Sr. Valdir fez questão de nos dar as seguintes referências ao atendimento gratuito do Hospital S. Lucinda: Pronto Socorro, em 1979, 29.710 casos atendidos; em 1980, 29.851; em 1981 (até setembro), 7.748. As internações, incluindo os partos foram, nesses anos: 2.147; 2.335; 2.215.

RESTAURANTE CANTABRICO



COCINA TÍPICA ESPAÑOLA

Aberto de 3ª a Domingo

Almoço e Jantar

Rua Dr. Homem de Melo, 838 - Perdizes
Tel.: 62-2623

Quem é índio?

(a propósito dos critérios de indianidade)



O caráter discriminatório implícito nos indicadores de indianidade arrolados pela FUNAI é evidente por si mesmo. Sua aplicação representa uma intervenção deliberada do Estado no sentido de impedir que os grupos indígenas critérios de classificação que são totalmente alheios às suas tradições etno-históricas.

Sob o pretexto de resguardar os interesses destas populações os indicadores voltam-se contra todos que, embora, se definindo como índios não se encaixam nos critérios formulados pela FUNAI. Tais grupos estariam assim pagando o preço de sua destribalização, ou seja, da incúria do órgão responsável pelo exercício da tutela. Na medida em que a identificação das comunidades indígenas passa a depender da FUNAI será índio quem ela quiser.

A identificação étnica, todavia, é algo cuja definição compete fundamentalmente aos que dela partilham. Sua natureza não pode ser reduzida aos estreitos limites de requisitos formais, mormente da ordem dos fixados pela FUNAI, cujo conteúdo racista atinge as raízes do inconcebível em qualquer tipo de sociedade que se pretenda pluralista e democrática.

Como órgão tutelar, a quem sabe velar soberanamente pelo destino dessas populações, a FUNAI teria que estar não apenas trabalhando no sentido de preservar a identidade dos grupos existentes como empenhada em promover a recuperação da identidade daqueles que, submetidos ao processo multiseccular de espoliação, se vêm hoje severamente ameaçados de perdê-la para sempre.

A aplicação dos indicadores de indianidade é, no entanto, a forma encontrada pela FUNAI de se eximir daquela que talvez fosse a sua tarefa política mais importante: a de resgatar da condição de indigência física e cultural, numerosos contingentes que, expropriados de suas condições tradicionais de vida, hoje se encontram relegados a um mais extremo abandono.

Editora Cortez

Último Lançamento:

"O Mito da Ciência Moderna, Proposta de Análise da Física como base de ideologia totalitária".

de André A. Abramczuk

CADERNOS PUC Nº 11: PSICOLOGIA, co-edições com Ed. Autores Associados e EDUC

Rua Bartira, 387
Tel. 864.0111

Esses indicadores, altamente espoliadores e anti-democráticos, ferem frontalmente o direito de auto-determinação dos povos, defendido por todas as entidades verdadeiramente empenhadas na sobrevivência e na preservação cultural dessas populações. Levam pânico e intranquilidade a todos aqueles que se julgando indígenas e, como tais, com direito à proteção do Estado, tenham a infelicidade de encontrar-se em áreas de interesse estratégico para outros grupos, como nos casos aberrantes de conflitos de terras ou em áreas consideradas prioritárias para o desenvolvimento da Nação, como já vem acontecendo com os índios Guarani localizados pouco abaixo do foz do rio Ocoí, no município de Foz do Iguaçu, área que será alagada em 1982 pela Itaipu Binacional e que já recebeu desapropriação do INCRA. Nessa área, já alcaçada pela aplicação dos indicadores, das 19 famílias de índios Guarani existentes, apenas cinco receberam essa classificação e, até o presente momento, nenhuma das associações de apoio à causa indígena conseguiu ter acesso ao misterioso laudo da FUNAI que classificou aquela população, nem o responsável por mais esse ato de vandalismo cultural que decidiu que as outras famílias, tão índias quanto aquelas, fosse sumariamente desclassificadas.

Em relação a outros grupos, o pânico e a intranquilidade cedem lugar à suprema humilhação de se verem contrangidos a exibir compulsoriamente atestados inequívocos de sua indianidade a juízes tão adremente improvisados, como já ocorreu com os índios Tinguí do estado de Alagoas, que tiveram que utilizar cocares e penas, dançar, urrar para provar a sua condição.

A leviandade com que a FUNAI pensa a identidade étnica só pode ser entendida no contexto da leviandade maior com que é pensada a questão da cultura brasileira em nosso país. Com isto, no entanto, não poderão jamais concordar os antropólogos empenhados como se encontram na defesa dos legítimos interesses das populações indígenas contra quaisquer formas de dominação física e cultural, veladas ou explícitas, que as ameace.

O Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, solidário nesta luta, vem de público emprestar seu mais irrestrito apoio à posição assumida pela Associação Brasileira de Antropologia, na palavra autorizada de sua presidente, neste momento de extrema gravidade para o destino dos índios brasileiros.

São Paulo, 13 de outubro de 1981



PORANDUBAS: Muita gente pergunta qual seria afinal o estilo de cinema de vocês, se é documentário ou ficção.

Bodanzky: Olha, sabemos que todo documentário, bem como os "filmes ficcionais", é uma opção arbitrária do cineasta, começando pela escolha do tema até a seleção dos planos na montagem.

Wolf: Sabe, o termo "documentário" historicamente ultrapassado. A distinção entre filme documentário e de ficção é didática pois na prática as coisas estão bem juntas, não dando para distinguir onde começa um e termina o outro.

PORANDUBAS: O Bodanzky foi o póter fotográfico no JT e na Realidade, não é? Qual a relação entre o jornalismo e seu cinema?

Bodanzky: Eu estudei arquitetura na Un. Brasília. Depois veio o fechamento na década de 60 e vim para S. Paulo onde trabalhei nessas empresas jornalísticas. Fui para a Alemanha de onde saí "especialista" em fotografia, câmara e direção. Na volta, comecei a fazer cinema. Tive alguma influência da minha atividade jornalística: contendo maior influência surgiu do fato de eu e o Wolf — termos trabalhado para a TV estatal alemã. Ela é que deu o porte financeiro para muitos dos nossos filmes. Temos a convicção de que o caminho certo para o cinema é a televisão. Esta posição traz implicações quanto à independência que precisa uma produção cinematográfica produzida com os problemas da sociedade. O cineasta tem que lutar por essa independência e o compromisso com a luta já uma opção estética. Esse compromisso é nossa maior influência.

PORANDUBAS: Geralmente o trabalho de vocês é rotulado como marginal, vocês concordam com isso?

Wolf: Não temos a mínima intenção de sermos marginais. Se nossa voz é mordaçada é por motivos superiores à nossa vontade. Nessa luta temos a esperança de ver nosso trabalho conhecido por muita gente. Por isso estamos lançando o "IRACEMA" em várias cidades: já "O TERCEIRO MILENIO" que está projetado num espaço muito restrito (MASP), será projetado em outros lugares e para muitas pessoas. Devido à receptividade, vão chegar inúmeros pedidos de exibição em todo o Brasil: isso nos deixa com muita esperança de que é possível uma divulgação maior.

Bodanzky: Não nos definimos como marginais nem usamos esse rótulo como defesa do nosso trabalho. Nossa filmes são conhecidos na Europa, pois de terem ficado meses em cartaz no Brasil. O "JARI" teve mais de 20 mil espectadores, o que para um documentário é boa média. "OS MARGINAIS" ficou mais de 11 semanas em cartaz em S. Paulo. Dentro de nosso estilo de trabalho não podemos ser considerados marginais e mais do

Jorge Bodanzky
&
Wolf Gauer

CINEVIDA

Neste pequeno apartamento das Perdizes, trava-se uma luta contra o silêncio. Por todo lado, latas de filme. Um telefone sempre tocando, dá a trilha sonora. Tecendo uma ordem nisso tudo, os cineastas Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, que não podem ser entendidos separadamente.

Esta dupla gerou filmes como "Os Mucker", "Jari", "O Terceiro Milênio", "Iracema" (que ficou no exílio e na censura por 6 anos).

Bodanzky, apesar do nome, é paulista. Ele acha graça quando o confundem com um próspero produtor europeu. Wolf é alemão mesmo, justamente da região de onde provieram os imigrantes retratados em "Os Mucker", comunidade milenarista que se formou no Rio Grande do Sul no século passado. Wolf é profundo conhecedor dos problemas brasileiros.

Nessa entrevista exclusiva a PORANDUBAS eles falam de seu trabalho, dos problemas da divulgação, da luta com - e contra - a TV, de Glauber e (furo! furo!) do seu projeto de filmar "QUARUP".

(Participaram da entrevista o Nicodemus Sena, do Jornalismo; o Maurício do IEE; o Jorge Claudio do Porandubas; e mais um que preferiu ficar inédito...)

nunca estamos lutando para ampliar a faixa de público.

PORANDUBAS: E a televisão, é um espaço a ser conquistado?

Bodanzky Claro! A televisão brasileira está totalmente fechada para o cinema, como um todo. Acho importantíssimo o trabalho na TV. Há pouco tempo fizemos um Globo Repórter sobre a Amazônia. O fechamento é tanto que o trabalho que foi ao ar saiu violentamente deformado pela censura, não a censura federal, mas a da própria Globo. Quando vi o programa no meu aparelho de TV, quase caí da cadeira porque eles aprovaram e pagaram nosso projeto e poucas horas antes de ir para o ar foram feitos os cortes. Isso é resultado da atuação prepotente do Armando Nogueira que chega e diz: "faz isso, tira esse cara, bota aquele", passando uma tesoura violenta. A Globo está sujeita à crítica pessoal de um General, ou de um Deputado, a suscetibilidade do momento. Quando vi meu trabalho, fiquei em estado de choque.

Wolf: O mais intrigante é que a Globo nos chamou para um "trabalho diferente", dando-nos inteira liberdade. Claro, se fosse de outra forma, eles chamavam o Amaral Neto mesmo. Daí se vê que o Sistema está muito bem enraizado, a ponto de burlar os interesses da própria empresa.

PORANDUBAS: É possível exercer pressão sobre a Globo e outras que tais?

Bodanzky: Acho que devemos lutar, e lutar não só por direitos autorais. Não adianta também partir para o campo das ameaças: quem somos nós para ameaçar a Globo, por exemplo? Acho que devemos ir devagar, mesmo que se apoderem de nosso trabalho para depois deturpá-lo, pois alguma coisa sempre fica. Vai chegar o momento em que não será mais possível esconder um trabalho realmente diferente. O importante é que está cedendo o forte preconceito com relação à TV e se percebe sua

importância no mundo de hoje. O próprio João Batista de Andrade faz *Globa Repórter*: está todo mundo brigando por este espaço.

Wolf Apesar de tudo já houve avanços: há 5 anos nosso trabalho jamais seria aceito na TV Globo. Cinema se realiza não no ato de filmar, mas no ato de chegar a tela e à cabeça de um multidão de pessoas. Mas, para tanto, ele passa pelo momento da distribuição, que também é cinema. Por isso, não conheço nenhum autor que consiga viver isolado e marginal. Na literatura ou na poesia, você ainda pode achar o cara que escreve para as gavetas mas cinema é outra coisa porque implica em muito dinheiro e responsabilidade social. Para escrever um livro, você usa apenas papel, caneta e cabeça. Cinema se faz com fitas caras, o que obriga o autor a suportar sempre uma audiência para seus filmes. Não é possível fazer cinema pensando nos vizinhos ou como substituto do analista particular. O cinema não se presta a atitudes egoístas pois exige uma circulação, do que resulta a importância da distribuição da mensagem. Nesse contexto, a TV aparece como o veículo mais poderoso de distribuição de mensagens.

PORANDUBAS: E a classe cinematográfica está se unindo para furar esse bloqueio da TV?

Bodanzky União? (risos) Como pensar em unir os cineastas, quando nossa triste experiência na Globo mostrou que nem ela é constituída por um só pensamento, se até mesmo na Globo as coisas estão em conflito? O máximo que existe são tentativas mais ou menos caóticas entre pequenos grupos, neste sentido.

PORANDUBAS: Como é o sistema de trabalho de vocês?

Bodanzky Sabe, a intuição é a base do nosso trabalho. Claro que existe um estudo da idéia mas ela vem integrada com a experiência e não é um plano rígido de trabalho. As circunstâncias



lo momento influenciam bastante na filmagem, bem como as pessoas dos locais que muitas vezes participam de filmagens pela primeira vez. No "TERCEIRO MILENIO", quando começamos a viagem de barco com o Senador Evandro Carreira pelo rio Solimões, só sabíamos que se tratava da Amazônia, com seus problemas ecológicos e humanos. O filme foi montado a partir de imprevistos captados por nossa sensibilidade. Eu já conhecia os problemas da região, devido a filmagens anteriores. Mas não havia roteiro nosso: o roteiro era a própria figura singular do Evandro Carreira.

Neste sentido, nosso estilo de trabalho foge do estilo jornalístico, pois não buscamos as imagens simplesmente para provar com elas nossas teses anteriores sobre a sociedade.

PORANDUBAS: Como é o entrosamento entre Jorge Bodanzky e Wolf Gauer?

Bodanzky Não temos uma divisão nítida de trabalho. A idéia que nasce é sempre trabalhada dentro da aptidão de cada um. O Wolf tem formação mais acadêmica que a minha, que é mais técnica, mas na hora da criação tudo se confunde e a criação é de responsabilidade conjunta.

PORANDUBAS: Qual o significado para vocês do recém-lançado "IRACEMA"?

BODANZKY: "IRACEMA" é na realidade um auto-retrato da população da Transamazônica, sem cuja participação o filme não teria sido possível. O filme foi proibido pelos mais diversos pretextos, porque ele retrata realisticamente os problemas da região e principalmente porque desmistifica aquela obra numa época de "Brasil Grande". A censura não nos intimidou: numa espécie de desafio, levamos o filme para o exterior, numa recusa do silêncio que queriam impor sobre a verdade da Transamazônica. Após o reconhecimento internacional, vários prêmios, "IRACEMA" volta do longo exílio e chega a seu verdadeiro público.

PORANDUBAS: Após o exílio de 6 anos, será que "IRACEMA" volta com a mesma força?

Wolf: O filme pode ter perdido algo com o tempo, mas mostra ainda hoje uma realidade que permanece tanto ou mais urgente do que na época da sua feitura, quando a Transamazônica simbolizava o sonho do "Brasil Grande".

PORANDUBAS: A exaltação póstuma é um expediente secular de mistificação mas nem por isso deixaremos de falar de Glauber Rocha, pois a moda não diz tudo: quem é, ou foi, Glauber para vocês?

Bodanzky: O Glauber foi o primeiro cineasta brasileiro a ter coragem de procurar uma linguagem própria, levando essa procura às últimas consequências. Ele é a linguagem de um cinema novo que não cabe em nenhuma hitola. É uma forma de vida e trabalho, verdadeira e doída. Para mim o cineasta Glauber é muito importante, embora tenhamos métodos muito diferentes de falar do mesmo Brasil.

Wolf: Concordo com o Bodanzky e acrescento a importância do Glauber ao conseguir dar universalidade às imagens do mundo particular brasileiro. Com ele, o cinema nacional transpôs fronteiras, passou a fazer parte do contexto cinematográfico mundial, embora Glauber continue sendo muito desconhecido no próprio Brasil. Não é todo dia que surge um Glauber Rocha: são precisos muitos anos para que a cultura dê um salto. Talvez ele só venha a ser entendido daqui a muito tempo, livre da glorificação que hoje cai sobre ele.

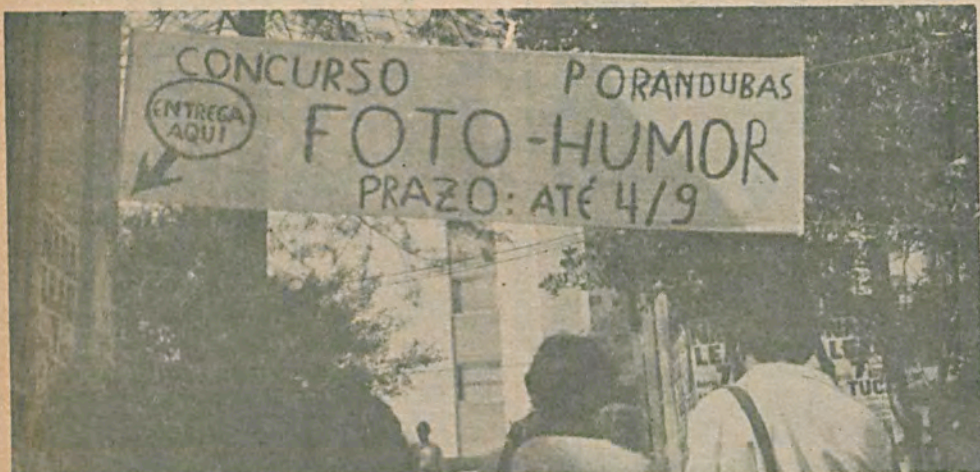
Outra coisa importante é revelar que com Glauber, assim como acontece com a maioria dos cineastas brasileiros, as condições duríssimas de criação acabam sugando em pouco tempo o potencial do artista, de tal forma que ele acaba produzindo obras geniais, mas poucas.

PORANDUBAS: Qual é o próximo projeto de vocês?

Bodanzky: Temos muitos projetos e por isso é difícil dizer qual é o preferido. Agora estamos gastando muito tempo com a divulgação daquilo que já fizemos: essa é uma atividade muito necessária. Mas eu diria que provavelmente trabalharemos no próximo projeto de filmagem do romance "Quarup", do Antônio Callado. Já conversamos com ele e até lá adquirimos os direitos de produção cinematográfica sobre o livro. Esperamos que dê certo. PORANDUBAS: A gente também espera: o Brasil precisa conhecer este livro e conhecer-se nele. Estamos esperando.



CONCURSO: RESULTADO



Primeiro Lugar



FERNANDO ZANETTI

Fernando Zanetti cursa jornalismo na PUC e letras na USP. Escreve contos, tendo ganho 1º



lugar no Concurso de Contos PUC-PORANDUBAS. Em fotografia, tem sido premiado em alguns concursos, como no recente 1º Salão de Fotografia Universitária do RGS, onde recebeu os prêmios MEC e KODAK. No Concurso de Fotografia do Porandubas, edição 1980, obteve o 2º lugar. Sua temática está centrada no homem urbano.

"Comecei a fotografar em 74, quando fiz o curso do SENAC. Contudo, foi somente nos últimos 2 anos que tive meu interesse despertado para a fotografia como linguagem. É um aprendizado difícil, principalmente para quem teve uma cultura imagética precária. Aprender a luz é, antes de mais nada, aprender a sua presença em face de sua ausência. O homem dos grandes centros urbanos é o homem anônimo. Nada se parece mais com ele do que a sombra. A imagem explicitada pela luz não tem a importância que aparenta ter. Há algo de maneirista nisto. A fotografia é um documento social, sua elaboração estética formal visa principalmente revelar a estética de conteúdo. O fato das fotos serem de humor fizeram com a preocupação central deixasse de ser a fotografia e passasse a ser o risível. 68 marca a tentativa de uma revolução política, social. 69 marca a revolução que nunca saiu do papel, a sexual."

Dia 21/10 foi feita a entrega dos prêmios aos vencedores do concurso PORANDUBAS-FOTOPTICA de foto de humor. Compareceu o coordenador do júri, sr. Favez, que há 11 anos faz este ofício, participando até de 2 concursos por mês. "Você fazer foto de drama, tragédia é relativamente fácil, disse Favez. Agora, fotografar com humor é muito difícil: a Fotoptica mesmo nunca fez concurso do gênero". Ele revelou que no julgamento buscaram-se as qualidades latentes, as potencialidades dos fotógrafos e comentou os critérios de avaliação das fotos escolhidas. Finalmente, comentou que há muita realização fotográfica nas universidades, "embora os estudantes não tenham dinheiro, normalmente, eles têm grande ansiedade de registrar a realidade".

AGUARDE NOSSOS NOVOS CONCURSOS!!!

Segundo Lugar

LUIZ CARLOS REIS ("BITOLA")

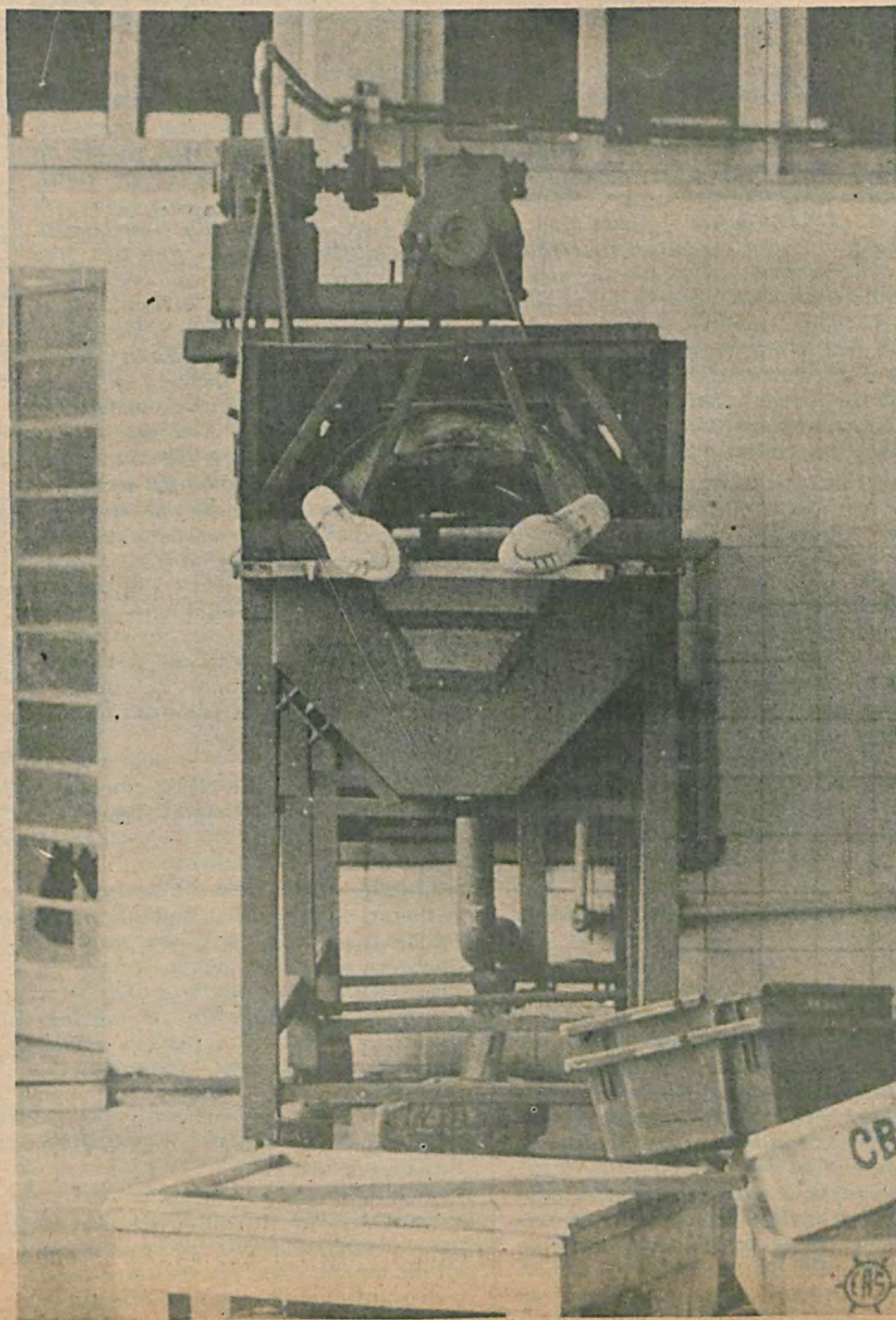
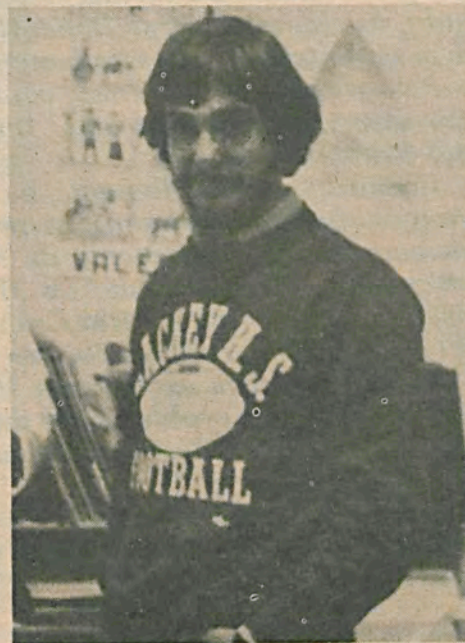
Luiz tem 22 anos e cursa o 3º de Administração.

Começou a fotografar desde garoto. Já fez vários cursos. Estagiei na Norton Publicidade durante 9 meses, e lá ajudei no estúdio fotográfico.

Minha preocupação ao fotografar é o registro de assuntos que normalmente passam durante a vida, sem que se dê muita importância à sua beleza".

Este concurso do PORANDUBAS é o primeiro de que Luiz Carlos participa. Ele conta a estória dessa foto:

"Foi em Porto Seguro, durante uma procissão de pescadores. Eu estava passando pelo frigorífico quando vi uma máquina de moer gelo. As botas já estavam ali, foi só fotografar. O engraçado é que ninguém reparou naquilo e a minha primeira impressão foi a de que realmente havia uma pessoa ali."



Terceiro Lugar



AUGUSTO NAZÁRIO

Tem 39 anos. Ele começou como boy na agência de notícias Associated Press. Logo passou para operador de telefoto, tendo sido fotógrafo a seguir. Saiu da AP, passou por O Estado de S. Paulo, onde também operou telefoto, foi laboratorista no Diário da Noite. Trabalha de laboratorista no Curso de Jornalismo-PUC. Embora conheça todos os segredos da fotografia, Augusto é modesto: "fotografia não acaba, a gente precisa estar sempre atualizado". Ele teve momentos importantes em seu trabalho, quando "cobriu" o incêndio do Joelma ("gastei 15 filmes ali") e tirou uma das últimas fotos do José Carlos Pacce.

Augusto conta sobre a foto escolhida em nosso concurso: "o Jânio chamou os jornalistas para uma entrevista coletiva na Chácara Flora, em 1975. Ele falava, gesticulava, ali de trás do balcão e eu só na tocaia, sem ele perceber. O Jânio vacilou e tirei a foto. O texto eu boleei para o concurso do PORANDUBAS".

Menção Honrosa



NOÊMIO XAVIER DA SILVEIRA, começou em 1936 fotografando com uma câmara "caixão", 9 x 12 cms., filmes ortocromáticos, de pequena sensibilidade, o que impossibilitava a obtenção de instantâneos. Mesmo assim, conseguiu obter uma foto do dirigível alemão "HINDEMBURG", quando este sobrevoou S. Paulo em 1936. O flagrante da briga "Peru x Galo" foi batido depois que os contendores beberam dose dupla de pinga, necessária ao "amacramento" da carne. "Viraram" ceia de Natal na noite seguinte. Os balões, pretenderam apenas "atualizar"...



PATROCÍNIO
FOTÓPTICA

INTERCÂMBIO CULTURAL?

EXPERIMENTO DE CONVIVÊNCIA INTERNACIONAL DO BRASIL

QUANDO?	onde?	OBJETIVO?	QUANDO?	onde?	OBJETIVO?
Jan/Fev. 82	• México	• Curso de Psicomotricidade (extensão universitária) • Convivência Familiar • City Stay em Guanajuato	Jan/Fev 82	• França	• Curso de Francês • Convivência Familiar • City Stay em Londres e Roma
Jan/Fev. 82	• Estados Unidos	• Curso de Inglês • Convivência Familiar • City Stay em Nova York, San Francisco, Los Angeles, Washington	Jan/Fev. 82	• Alemanha	• Curso de Alemão • Convivência Familiar • City Stay em Paris e Berlin
Jan/Fev 82	• Inglaterra	• Curso de Inglês • Convivência Familiar • City Stay em Paris	Jan/Fev 82	• Itália	• Curso de Italiano • Convivência Familiar • City Stay em Paris

Experimento: Mais que uma viagem, é o aprendizado pela convivência.
Endereço: Rua Barão de Capanema, nº 220 Tel: 853.5497 e 280.6071
Supervisão Turística: Projecta Representações Ltda. Embratur: 080072900.5

CURTAS

Colegiados

CONSELHO ENSINO E PESQUISA

1 — **REPRESENTANTE DOCENTE:** Desta vez apareceu o representante dos alunos do Pós, o Marcos Carlini. Contudo, a presença de Marcos principais interessados ainda é raridade.

2 — **FALTOU SUBSIDIO:** A Comissão de Ensino do CEPE ficou de fazer um estudo acerca da substituição, contudo os órgãos a que foram solicitados subsídios (Centros de Ci. Médicas, de Jurídicas e Econômicas, a Pós, as Faculdades de Direito, Economia, Psicologia, Serv. Social e Ci. Sociais, além da APROPOUC) não trouxeram nada. Solicita-se que enviem material até 30/11 para que seja apresentada minuta em dezembro.

3 — **CURRICULOS, NORMAS:** Foram feitas alterações nos programas de Psicologia da Educação, no currículo de Física e foram estudadas normas para reconhecimento de títulos docentes obtidos fora da PUC (esta questão foi adiada por falta de quorum visto ter sido tratada no final da reunião).

CONSELHO COMUNITÁRIO

UNICAMP — A reunião começou com informes, logo após os quais a Prof^a M^a Amélia Goldberg — da PUC e da UNICAMP — iniciou o relato da situação da UNICAMP. Segundo M^a Amélia, a atual crise tenta acabar com o movimento de democratização, que culminaria na indicação — por eleição direta — da lista sêxtupla para Reitor. Até já havia sido feito um debate público de 17 "reitoráveis". Por intervenção do Governo, foi feita a "injeção" de 6 membros no Conselho Universitário, a demissão de 8 Diretores de Faculdade eleitos pela comunidade e sua substituição por interventores. A posse destes em alguns casos não chegou a se consumir, a de outros fez-se em segredo, ou então realizando-se com grandes tensões, atos e manifestos de protesto, vaia monumental. Na Fac. Física, conseguiu-se — devido à resistência decidida da comunidade, que tem trânsito inclusive internacional — impedir a posse do interventor.

O prof. Ant. Rezendor salientou ainda que nesse estado de intervenção, a realização de concursos servirá para triagem ideológica de candidatos. Ressaltou que os professores não defendem a greve como medida política neste momento, a fim de não abrir brechas a que se atribua a imagem de não-seriedade ao movimento. Além dos 14 funcionários demitidos, há ameaça de 40 demissões de professores.

O prof. Carlos Guilherme Motta analisou a situação da USP, de onde "lamentavelmente foram fornecidos quadros para interventoria na UNICAMP". Ele denunciou que o Cons. Estadual de Educação se tem mostrado refratário, à discussão, em posições aquém àquelas tomadas pelo MEC. No momento, começa-se a montar debates com a presença de "reitoráveis", já que o novo Reitor da USP deverá ser conhecido em dezembro. O nome de Dalmo Dallari está forte junto às bases mas Carlos Guilherme reconhece que "não será fácil impô-lo a quem detém o poder". Em todo o caso, o diretor da Fac. Filosofia foi eleito por voto direto.

Ao final dessas colocações, o Conselho Comunitário decidiu elaborar uma

nota de solidariedade à UNICAMP, recomendando sua ampla discussão nos colegiados, entidades e salas de aula na PUC.

UNICAMP

O Cons. Comunitário divulgou uma moção de solidariedade à UNICAMP, pretendendo que ela seja amplamente na PUC inteira. O documento afirma que "a intervenção de que a Comunidade Universitária da UNICAMP é vítima, neste momento, afeta a todas as Universidades do País" e reputa como de suma gravidade a "intervenção violenta do Estado naquela Universidade". O documento reconhece a contribuição da UNICAMP à ciência e que "todo este esforço está sendo comprometido pelo autoritarismo do Conselho Estadual de Educação". O Cons. Comunitário "unanimemente repudia o processo ilegítimo e não democrático que se tenta instaurar na UNICAMP com desprezo total à dignidade" da comunidade universitária, impedida de participar na escolha de seus dirigentes. Esta solidariedade também é importante para a própria PUC pois "adensa o nosso próprio processo interno de democratização e reconstrução". Concretamente o Cons. declarou em sessão permanente, escolheu uma sub-comissão que acompanhe a situação, estando presente ao ato público de 23/10 em Campinas e promove a discussão na PUC sobre a situação da UNICAMP.

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

1 — **INFORMES:** logo o PORANDUBAS provocou discussão acerca se seriam 3 ou 4 (como publicamos) membros de uma comissão que refletiria sobre o Projeto III. Afinal ficaram apenas o Pe. Edênio, Octavio Ianni e Alvaro Puga, numa primeira etapa. Depois entra quem quiser, na discussão.

2 — **MARIA HELENA DINIZ:** foi aprovado o concurso para a professora M^a Helena, como Titular de Direito Civil. A relatora do parecer favorável é a prof^a Sílvia Pimentel.

3 — **REPRESENTANTE DISCENTE:** representante dos alunos do Pós, tomou posse o João Josué. Afinal, começam a aparecer os estudantes!

4 — **CURRICULO DE FISICA** foi alterado, adotando-se a disciplina de Eletrônica como obrigatória, dada sua importância face ao desenvolvimento da tecnologia. Esta disciplina antes era optativa.

4 — Foram aprovadas as bancas de concurso para a categoria de assistente mestre em vários Centros.

5 — **CALENDARIO 82:** a questão, já tratada no CEPE, voltou ao C. Univ. para informação. A questão que mais suscitou polémica — não resolvida — é acerca das férias coletivas para o Pós. Pretendeu-se defender o direito de alguns pesquisadores de usarem a Biblioteca do Pós, ao mesmo tempo que se pretendia uma racionalização e economia de recursos. A Reitora defendeu o princípio de que as Bibliotecas sempre deveriam estar abertas, até sábado e domingo, o que é inviável para a PUC no momento, mas que deveríamos tender para isso.

Outra questão que gera reclamações no calendário refere-se à data de entrega de avaliações, em 11/dezembro, o que seria muito cedo: ponderou-se que se não saírem logo os resultados, os estudantes não podem matricular-se e

os professores e funcionários ficam sem receber seus salários, saídos das matrículas...

7 — **DEZ ANOS DE PÓS:** o setor de Pós-Graduação submeteu à análise do Conselho um documento em que apresenta a evolução do setor (mais voltado para os cursos da Monte Alegre) nos últimos 10 anos. Trata-se de um documento muito interessante: ele analisa as origens; apresenta problemas (desde o espaço físico, até o barulho de espetáculos musicais e a má infra-estrutura, além de questões mais de cunho acadêmico); para finalmente tratar do entrosamento do Pós com o Básico e com a Graduação (estão ainda distanciados) e com a sociedade e a democratização interna da PUC.

8 — **DEZ ANOS DE BÁSICO:** seguindo a atual sistemática do Conselho, o

Básico também apresentou sua análise, num documento muito amplo e de cunho político. Começou pela relação da Universidade com o momento político brasileiro nos últimos 10 anos, frente ao autoritarismo, censura cultural e imposição de uma reforma universitária. Paralelamente a PUC se firmou como espaço de resistência e participação. A seguir tratou das relações da PUC com a Igreja, notadamente em suas propostas progressistas, encarnadas pela CNBB e orientadas pela teologia da libertação. Conclui o documento afirmando que a PUC se torna cada vez mais um espaço privilegiado de debate e participação dentro da sociedade.

Todas as unidades da PUC estão elaborando documentos dentro deste tipo de proposta. Os interessados devem procurar nos setores.

Pelos Centros

CAMPUS PARANAGUÁ

1 — **GIPAO:** O grupo que pesquisa Astronomia e Óptica conseguiu um espaço provisório, (pasmem, senhores) com armário, para suas reuniões. Estuda-se uma instalação mais definitiva para o grupo, que já tem um ano de dedicação idealista pela Astronomia.

2 — **JOÃO CARLOS INFANTE,** de 20 anos, estudante de Física, faleceu dia 11/10 de ataque cardíaco. Os pêsames da Comunidade Universitária à família.

3 — **PALESTRAS DE FIDICA** tiveram Ciclo dias 19 a 23/10 no anfiteatro. Participaram nomes importantes como Marcello Damy, Oscar Sala, Mário Schenberg. Promoção conjunta das entidades estudantis da PUC e do Mackenzie.

4 — **REFEITÓRIO** apesar de inaugurado ainda não tem cadeiras, que foram emprestadas à Biblioteca. Tem gente chiando, e com razão...

5 — **OCUPAÇÃO DA CASA PAROQUIAL,** devido à falta de espaço físico para trabalhos de monitoria e atendimento de alunos e professores. A Casa Paroquial só é ocupada na 4^a feira à tarde pelos professores de PFTHC.

6 — **CASÓRIO** — dia 21/11 vai casar o funcionário Aristides Miranda, da Secretaria, na Capela da PUC às 18 h. Vai ter churrasquinho e chope?

7 — **CORINTHIANS VENCE,** mas é só o "Corinthinas", da turma do campus, que venceu 3 modalidades em Serra Negra, dia 25/10. Foi em futebol de salão (destaque para o artilheiro Baiano e o goleiro Ping), em vôlei masculino e em natação (o Hélio Takumi conquistou honra ao mérito nos 100m. rasos).

CENTRO DE EDUCAÇÃO

1 — **VALE DO RIBEIRA:** Dia 9/11 os alunos que estão participando da experiência no Vale do Ribeira farão um relato público daquilo que têm vivido e aprendido.

2 — **AUSENCIA ESTUDANTIL:** A prof^a Arlete, interrogada acerca da presença de representantes discentes nos colegiados informou que eles já começam a aparecer, coisa que antes não havia. Esta presença se dá especialmente nas coordenações de Curso e — embora pequena — nos Departamentos. No Conselho de Centro, Arlete nem sabe se há representantes escolhidos, apesar dos ofícios insistentes que ela envia às entidades: "seria importante a presença dos estudantes, para eles e para nós", finaliza.

3 — **Célia Abreu,** coordenadora do Serviço de Apoio Didático-Pedagógico convida para encontro dia 17/11, às 14 h. na sala 222 do Prédio Novo. Será sobre "A Relação Professor-Aluno numa Universidade de Orientação Humanista". Participam do painel Edênio Valle, Joel Martins, Sílvia Lane (enfim, gente da pesada).

REVENDO A MÁQUINA

No Centro Ci. Humanas, está ocorrendo um envolvimento geral na elaboração do Plano Acadêmico, feito a partir dos Deptos. e das Faculdades. Desta forma haverá condições de se ter uma política acadêmica uniforme para todo o Centro, promovendo interdisciplinaridade. Além disso, estão trabalhando firme duas comissões, uma para criar disciplinas eletivas do centro é outra para os cursos de extensão.

Parece que vai sair pelo Centro um debate sobre o Projeto III de reforma de estatutos: quem tiver sugestões, procure os profs. Abib ou Alípio.

Uma questão que vem surgindo é acerca da representação, que os novos representantes não sabem como realizar, no necessário — e novo — contato com as bases. Além disso, NÃO HA REPRESENTANTES DE ESTUDANTES A NÍVEL DE CENTRO. Sílvia Lane lamenta essa omissão (palavra nossa) pois os estudantes orientariam muitas decisões de seu imediato interesse.

Já foram apresentadas várias bancas para concurso, que foram homologadas na reunião do Conselho Universitário, do dia 28/10.

"PALÁCIO DO SABER?"

1. O Setor de Pós Graduação tem procurado se manifestar através do Porandubas ocupando um lugar tão educativo quanto possível. Ao fazê-lo tem anunciado a produção científica do Setor, enviando não apenas os títulos das dissertações de mestrado, como os títulos das teses de doutoramento. Juntamente com esta informação tem tornado público o nome dos autores dos trabalhos bem como o de seus orientadores.

2. Fez também publicar minuciosamente uma resenha histórica do desenvolvimento do Setor, nestes onze anos de organização e de consolidação.

3. Hoje, porém, saindo desta normatividade acadêmica vem prestar algumas informações para interessados, curiosos, incautos que se manifestam sobre o "luxo, facilidades e privilégios" do local de trabalho do Setor.

4. Saibam os senhores propaladores da idéia de que o Setor de P.G. localiza-se no "Olimpo", constituindo uma "Catedral do Saber" que as "montanhas ao longe são todas azuis" e que aquilo que se propala sobre as facilidades do Setor não são tão compensadoras como possam parecer.

4.1 — em primeiro lugar este Setor instalou-se no quarto andar por "ordem" da Reitoria Acadêmica. Decidiu-se que o Setor passaria para o 4º andar e assim o foi.

4.2 — todos ignoram que a mudança da Rua João Ramalho, onde se instalava o Setor de P.G., para o 4º andar foi praticamente feita sem

elevador, movendo-se funcionários, alunos e voluntários, através das rampas, carregando mesas, cadeiras livros, etc.

4.3 — que após haver sido instalada a "sala de leituras", da qual se servem todos aqueles que assim o desejarem, pós graduandos, graduandos, membros da comunidade, professores e alunos de outras instituições, um desarranjo no encanamento na lage superior, inundou esta sala de leitura. O salvamento dos livros como de todo o equipamento doado pela CAPES para microfichas e leitura de microfichas foi feito por duas pessoas apenas — dois professores do Setor que se encontravam ali no momento, pois o acidente sucedeu durante a hora de almoço de estudantes e funcionário. Estes dados são desconhecidos de todos aqueles que apenas conhecem o Setor de passagem ou por informações de segunda ordem.

2.2 — O Setor de P.G. foi instalado no local destinado à Reitoria. Quando da construção do prédio chamado novo e, que está em piores condições do que o velho, o quarto andar foi planejado dentro do espírito característico da época. Seria conveniente que todos aqueles funcionários, professores e alunos que estão PUC-SP lá menos tempo, ou que estando há muito tempo ignoram a própria História, da qual fazem tanto alarde como processo, conhecessem as condições atuais em que a PUC-SP se encontra, para poderem atribuir significados mais adequados para o seu pensar e para a sua fala.

2.3 — Há momentos, neste quarto andar, "Olimpico", em que os professores precisam sair de suas salas para poderem respirar nos corredores de fora, na busca de um oxigênio que, mesmo poluído, é menos poluído do que aquele que se encontra nos recintos fechados, sem janelas e onde se fuma sem a menor consideração por aqueles que aí estão trabalhando.

2.4 — (Mais vicissitudes na próxima edição)

JOEL MARTINS

MARTELADA

No Programa de Pós em História, está correndo o processo de re-credenciamento, após 5 anos de funcionamento a nível de Mestrado. Para a visita veio em princípio de outubro o prof. Armando Souto Maior, da Un. Fed. Pernambuco. Bom, já no aeroporto as coisas começaram mal, com o desencontro entre ele e os que foram esperá-lo. A Prof^a Ivone Avelino conta que geralmente essas visitas começam com exame da documentação existente mas o prof. Armando já foi colhendo informações esparsas, leu os avisos pregados nas paredes, etc. Ele declarou que viera para simples registro mas acabou exorbitando, propondo impondo reformas, "falando muito e ouvindo pouco: incomodou todos os professores ao afirmar que o programa não é de História mas de Ciência Política, além de reclamar que o Programam apresenta só 13 dissertações", lamenta-se Ivone.

Armando fez reuniões com professores, com alunos, ouviu críticas e cutucou insatisfações. Foi embora sugerindo apenas a reformulação do programa. Não contente com isso, ainda telefonou às 2 da madrugada, do Rio, para a prof^a Ivone desmarcando uma reu-

nião para avaliar os resultados da "visita".

Como era de se esperar, as reações não demoraram. Imediatamente Joel Martins mandou solidariedade e disse que vai a Brasília pedir outra sindicância. O Depto. História (Graduação) e os estudantes do Pós elaboraram documentos manifestando a importância do Programa de História. Finalmente, houve uma assembléia dia 28/10, geral do curso, para se montarem paritárias e se avaliarem as modificações necessárias, a partir do processo interno do curso e não por causa de intervenções extemporâneas.

SOROCABA

De passagem pelo PORANDUBAS o Dr. Guerra nos trouxe notícias do Centro de Ciências Médicas e Biológicas:

1 — CONGRESSO DA PASTORAL DE SAUDE: Sorocaba vai co-patrocinar este encontro que acontecerá em dezembro. Já está formado o grupo que coordenará a parte do Congresso referente à Medicina.

2 — BIBLIOTECA: Dia 6/11 acontecerá um grande jantar para arrecadar fundos para a construção da biblioteca do Centro. Os planos e projetos de construção já estão prontos e espera-se que dentro de 6 meses o acervo possa ocupar sua nova casa.

3 — ISOLAMENTO DE MOLESTIAS INFECCIOSAS: Foi inaugurado no dia 26/11 e será supervisionado pelo prof. Mário Gomes.

4 — SOROCABA NA FRANÇA: O Dr. Guerra recebeu da Reitoria da PUC o convite para que o Centro participe do encontro a Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC) a se realizar em Lille, na França, dia 18/12 deste ano. Parte das despesas já foram enviadas pela Federação, parte será paga pela PUC e o Centro completará o restante. Será enviado um representante de Sorocaba, que participará do encontro dos diretores de faculdades de medicina, onde será discutidos problemas relacionados com Ética Médica, Medicina Preventiva e Medicina Social.

5 — RESIDENCIA: Segundo o dr. Guerra, a organização da Residência Médica, nos moldes exigidos por lei, já está completa, em várias áreas. "Só falta a área de Clínica Médica, que depende da estruturação dos serviços que será definida pelo Depto. de Medicina no dia 4/11. O número de residentes também não foi definido ainda, pois estamos tentando junto ao Secretário da Saúde a concessão de 60 bolsas de estudo. Neste caso teremos que entrar nos programas oficiais de saúde à população". A resposta a este pedido de Sorocaba terá que ser dada antes de dezembro, quando serão feitos os exames para a residência. Do contrário o número de vagas será diminuído, pois o Centro não poderá arcar sozinho com o custo.

6 — SUPERAVIT: Segundo o dr. Guerra o Sta. Lucinda, apesar das reformas e da compra do raio x, vai ter um superávit no exercício de 81. O Centro não vai dar lucro nem prejuízo (coluna do meio), pois com a ajuda de 4 milhões por mes para cobrir a folha de pagamentos mandados pela Reitoria, o seu déficit acumulado, no momento, é de apenas 3 milhões, que serão absorvidos até o final do exercício.

muitas expectativas. Por outro lado, o pessoal nos colegiados, representantes e chefes, é todo novo. Quanto aos estudantes, eles estão muito mobilizados, mas não estão muito organizados. Num reunião do Conselho Departamental, além dos novos representantes, deles, vieram 30 estudantes para ver como era. No entanto, não têm nenhum representante nos Departamentos e por

isso atropelam um pouco as instâncias".

Lídia informa que as modificações que serão introduzidas referem-se a um deslocamento da forte carga de Biologia que havia no Básico, para o 2º ano. Além disso, haverá uma visão geral de importantes correntes da Psicologia: a Psicanálise, o Behaviorismo, a Fenomenologia.

Finalizando, Lídia ressalta que essas finalizações são propostas, necessitando ser aprovadas ainda no Centro de Humanas.

MERCADO DE TRABALHO

Na Fac. Serviço Social a turma está eufórica. É que dia 20/10 passou na Ass. Legislativa o projeto de lei que autoriza o Executivo a implantar junto às escolas estaduais um Serviço Social Escolar. A Diretoria, prof^a Carmelita conta que "foi uma guerra na Câmara, acusamos o PDS. O CA fretou ônibus, foram muitos professores e entidades profissionais. Fizemos uma faixa que ameaçava: EM 82 ESTAREMOS COM QUEM ESTEVE CONOSCO EM 81". Agora falta o governador se pronunciar, pois ele tem poder de veto. As entidades já prepararam comitiva e abaixo-assinados". (Comenta-se maliciosamente que com essa medida, salva-se a profissão...)

No mais, o Plano Acadêmico, tal como ocorre em várias outras unidades, está sendo levado a sério na Fac. S.Social. Desta forma prepara-se a implantação do novo currículo, o que deverá ocorrer plenamente em 1983: há muita dinâmica nesse processo.

Quanto à re apresentação dos estudantes, parece que está se efetivando nos Deptos. e no Cons. Departamental e comissões.

Finalmente, prosseguem os 5 projetos-piloto da Faculdade: dois ligados a loteamentos clandestinos; um no Embu; de Cultura Popular no Brás; na Clínica Psicológica da PUC.

EM TEMPO. Andando pelos corredores, nosso repórter pegou na parede o seguinte comunicado que prova que a Semana da Criança foi efetiva:

"A Direção da Faculdade de Serviço Social vem manifestar aos professores e alunos sua estranheza quanto aos acontecimentos da última semana letiva, quando várias classes se esvaziaram significativamente, não obstante comunicação oficial desta Direção informando que haveria aulas regulares na semana.

Consideramos a situação preocupante dada a frequência com que vem ocorrendo no curso, e recomendamos ao corpo docente e discente que a mesma seja devidamente problematizada em sala de aula."

São Paulo, 19 de outubro de 1981.

TRADUÇÃO: SERVIÇO

Alunos do 7º e 8º períodos do curso de Tradução de Inglês estão fazendo estágios na APAE, Hospital do Câncer e Fundação Livro do Cego do Brasil. Os profs. Mário Útimati e Victoria Weischtordt fazem a ponte entre as instituições e os estudantes, que "estão vibrando. Antigamente os estágios obrigatórios eram em firmas, onde eles eram explorados pois trabalhavam como profissionais e ganhava como estagiários, o que além do mais esvaziava o mercado de trabalho dos tradutores. Agora, embora não ganhem, os alunos têm ótimo treinamento e prestam importante serviço nas instituições". Mário informa que há 70 alunos envolvidos neste trabalho e as instituições têm mandado muitos agradecimentos à PUC pelos serviços prestados.

ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

1 — ELEIÇÕES DIRETAS: O Diretor da FEA esclarece que a decisão de eleições indiretas foi do próprio Depto. Administração e não do Cons. Departamental, ao qual os alunos recorreram para conseguirem as eleições diretas.

2 — PROJETO III: A Assembléia Geral da Faculdade para discutir o PIII foi transferida para dia 5/11.

3 — MACROECONOMIA ESTÁTICA E DINÂMICA: eis o título do livro do Prof. Fernando do Val, da FEA, recém-lançado pela Sarai-va.

4 — CONCURSOS: Dia 7/11 o Cons. Departamental decidirá acerca dos concursos de ingresso na Carreira Docente. Quanto às contratações de novos professores, também haverá concursos.

5 — APOIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO: por determinação do Conselho Departamental haverá solicitação do Serviço de Apoio Didático-Pedagógico para os docentes da FEA, em 82. Assim, pretende-se sistematizar experiências, permutá-las e revê-las com os colegas além de fornecer atualização e reflexão a partir de temas pedagógicos. Os módulos serão organizados em torno a temas como: relação professor-aluno; estratégias de sala de aula; avaliação; comunicação e percepção inter-pessoal.

6 — SUPERLOTAÇÃO: por decisão do CD, o máximo de alunos em 82, por sala, será de 60. Por isso, o Plano Acadêmico especificará disciplinas, número de turmas e número de vagas. Este plano será remetido à Secretaria Setorial para orientar as matrículas. Este plano se baseia no estudo estatístico fornecido pela Secretaria.

7 — PLANO ACADÊMICO: todos os DEPTOS já elaboraram o PA e agora o encaminham para exame do Cons. Departamental.

PELAS ENTIDADES

LICENÇA-PATERNIDADE

A Diretoria da APROPUC definiu os pontos para a proposta de contrato coletivo de trabalho a ser discutido até março 82 com a Reitoria. Estes pontos serão ainda apresentados em assembléia. Além da reafirmação dos pontos do contrato existente (do qual não foram cumpridos o adicional noturno nem a remuneração por representação), surgiram novos pontos:

— LICENÇA GESTAÇÃO: antecipação salarial de 3 meses da licença gestação, além de licença para o pai. Trata-se de reivindicação feminista da entidade;

— AUXÍLIO EMERGÊNCIA para os docentes necessitados de empréstimos em condições mais favoráveis que os Bancos;

— BENEFÍCIO SABÁTICO, direito a um ano de licença remunerada após certo tempo de trabalho para o professor se dedicar à pesquisa, como uma melhor forma de reconhecimento do tempo de trabalho, mais do que apenas financeira

— ANUÊNIO, isto é, o adicional de 1% por ano de serviço, escalonando assim aquilo que só se faz ao cabo de 5 anos;

— FÉRIAS segundo o dissídio coletivo; MELHORIA DOS SERVIÇOS, como Inter-médica, estacionamento, além de xerox a preço de custo e meia-entrada para os docentes no TUCA;

— ESTABILIDADE; há uma proposta elaborada pela Ass. Jurídica da APROPUC que define uma política de contratações;

— ATRASO DE SALÁRIOS; trata-se de evitar os atrasos, reivindicação principal da entidade.

ASSOCIAÇÕES DOCENTES

Albócio, presidente da APROPUC, participou dias 23-25/10 em Brasília do Conselho Nacional de Associações Docentes (CONAD) no qual estiveram presentes 60 Associações. Decidiu-se realizar um dia de luta contra a intervenção na UNICAMP com leitura de uma moção de todas as entidades, nas salas de aula. Será dia 29/10.

Também fez-se a avaliação da situação das Un. Federais Autárquicas, frente à não-aceitação das reivindicações por parte do MEC. Quanto às Un. Particulares, propôs-se projeto de lei sobre estabilidade de 1 ano para os docentes, conquista já feita pela APROPUC. Pretende-se encaminhar uma campanha nacional contra o desemprego e contra a redução salarial. Para o próximo congresso da ANDES deverá haver uma definição da carreira do magistério particular.

Haverá um encontro entre o Ministro da Educação e Andes, onde será apresentada a moção apoiando a UNICAMP e as reivindicações das Federais Autárquicas.

BATIK

Promoção especial: cursos de férias.

Prepare você mesmo seus presentes de Natal.

Passe férias criativas em nosso ateliê.

R. Dr. Alberto Seabra, 1.280, casa 2 — Vila Madalena. Tel.: 263.7883 (rec.)

Pelas Faculdades

TODO MUNDO NOVO

A Diretora da Fac. Psicologia, prof^a Lídia, informa que está havendo um "borbulhar" pela Faculdade, tendo em vista o Plano Acadêmico, que já prevê algumas alterações para 82, que vão preparar uma modificação mais profunda dos currículos em 83". Há uma grande mobilização da comunidade,

